

LETRAMENTOS NO ENSINO MÉDIO: CAMINHOS PARA PRÁTICAS LETRADAS EM SALA DE AULA

Wellington Gomes de Souza; Cícera Alves Agostinho de Sá; Jaqueline de Jesus Bezerra

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
wellington83souza@gmail.com
ciceralvesdsa@gmail.com
linnebezerra@gmail.com

Resumo: Este artigo é oriundo de reflexões acerca de uma problemática bastante recorrente no que se refere ao ensino de língua portuguesa: a dificuldade em de produção textual por parte dos alunos, situação que interfere demasiadamente no processo de ensino e aprendizagem como um todo. Por isso, o objetivo deste trabalho é discutir sobre a importância das práticas letradas com vistas ao desenvolvimento das habilidades de escrita de discentes do ensino médio. Para fundamentar esta abordagem, baseou-se nas ideias sobre Letramentos, Multiletramentos, Retextualização e Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), bem como em questões inerentes ao texto como objeto de ensino. Como procedimento metodológico, foi será adotada a pesquisa bibliográfica, que norteará a discussão e a proposição de atividades a serem desenvolvidas no contexto escolar. Nesse sentido, são apresentadas algumas ideias de trabalho na perspectiva dos letramentos e multiletramentos em sala de aula. Como possíveis resultados, pode-se apontar o desenvolvimento do protagonismo juvenil, sobretudo mediante o uso de tecnologias em sala de aula. Além disso, pode-se vislumbrar uma ampliação acerca dos gêneros trabalhados na escola e situar os discentes na condição de produtores e não apenas de receptores de texto. Portanto, é viável dizer que é necessário realizar atividades com textos em sala de aula que contemplem os aspectos inerentes ao letramento e aos seus desdobramentos.

Palavras-chave: Letramento, Retextualização, Texto, Escrita, Ensino.

INTRODUÇÃO

Este artigo é oriundo de reflexões acerca de questões que dizem respeito aos problemas relacionados ao trabalho com textos em sala de aula, sobretudo as dificuldades dos alunos do ensino médio para desenvolverem determinadas produções textuais, tão caras no chão da sala de aula. Isso se deve ao fato de que é recorrente uma abordagem sobre produção escrita que se pauta apenas na feitura de textos que não fazem parte do universo do aluno.

Em outras palavras, podemos dizer que as atividades dessa natureza visam ao domínio de gêneros concernentes, muitas vezes, somente ao espaço escolar ou são realizadas apenas por conta de determinados exames. Como exemplo, é possível mencionar o trabalho com o gênero dissertativo-argumentativo, que é explorado com vistas ao que é cobrado no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Nesse contexto, há alguns problemas recorrentes no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem que vislumbra o trabalho com produção escrita nas aulas de língua portuguesa: 1) os alunos, de modo geral, não conseguem produzir com eficácia o *gênero textual X* ou os gêneros que lhes são apresentados na escola, não obstante o trabalho nessa

perspectiva seja, muitas vezes, feito a fio; 2) além desses gêneros, tentados na busca de um relativo sucesso de escrita dos discentes, há a privação de contato com vários outros gêneros que são importantes na esfera social e estão presentes em diversos ambientes comunicativos dos quais esses sujeitos participam. Além disso, há outros fatores que podem ser relacionados a esses problemas, como é o caso do trabalho com escrita, cujo objetivo consiste apenas na correção gramatical.

Por isso, é de suma importância a promoção de práticas diferenciadas no tocante ao trabalho com escrita em sala de aula. Dessa forma, é preciso que encontremos caminhos para que possamos suscitar a ampliação da capacidade de produção textual dos alunos, haja vista a necessidade de aptidão nesse sentido em vários contextos comunicativos. Assim, entendemos que o desenvolvimento de práticas letradas consiste em uma forma de promover novas possibilidades de produção escrita, levando em consideração outros contextos comunicativos que não apenas o escolar, assim como outras habilidades dos alunos, como é o caso do uso das tecnologias.

Diante disso, nosso objetivo é discutir a importância de práticas letradas para o desenvolvimento de habilidades de escrita de discentes de ensino médio. Nessa empreitada, é importante apresentar alguns caminhos que possam ser percorridos pelos docentes para que possam contemplar os aspectos inerentes aos letramentos, multiletramentos e atividades com retextualização, visto que esses fenômenos são de grande valia para o desenvolvimento da competência escrita dos alunos.

Para fundamentar nossa abordagem, de modo geral, teremos como base Street (2014) e Soares (2014), cujas ideias giram em torno da importância da dimensão social do letramento, numa perspectiva ideológica. Teremos como âncora, também, os trabalhos organizados por Rojo (2012), com contribuições acerca dos multiletramentos na escola, além de outros trabalhos da autora nessa perspectiva. Ainda teremos como referência as ideias sobre retextualização propostas por Dell'Isola (2007) e Marcuschi (2010), pois contribuem para o que se pretende em relação ao desenvolvimento de práticas letradas.

No que concerne à metodologia desta abordagem, ela está pautada em pesquisa bibliográfica com vistas à discussão sobre a importância do desenvolvimento de práticas letradas no ensino médio. A partir disso, levantaremos algumas possibilidades de direcionamento no sentido de contemplar atividades dessa natureza com o intuito de contribuir para o trabalho com produção textual na escola.

Assim, faremos uma abordagem sobre os letramentos e os multiletramentos, no sentido de apontar aspectos importantes acerca desses fenômenos. Nesse sentido, trataremos

de questões relativas ao ensino de língua portuguesa na perspectiva das práticas letradas e multiletradas, a partir de questões metodológicas relevantes para tal procedimento.

Por fim, apresentaremos algumas possibilidades de desenvolvimento de práticas letradas e multiletradas em sala de aula. Além disso, discutiremos acerca dos possíveis resultados angariados mediante o desenvolvimento de atividades que contemplem determinadas realidades, estratégia que contribui consideravelmente para o trabalho exitoso com a produção escrita na escola.

2 LETRAMENTOS, MULTILETRAMENTOS E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ASPECTOS METODOLÓGICOS PARA O TRABALHO COM ESCRITA

Antes de tratar dos aspectos que caracterizam as ideias sobre letramentos e multiletramentos, é importante retomar, brevemente, um assunto que já é muito discutido, mas apesar disso não consiste em um truísmo, visto que ainda há muita confusão acerca dele: a dicotomia criada entre fala e escrita. O problema, nesse sentido, é o pensamento que ainda se concebe sobre o ensino de língua em que se estabelece uma hierarquia que considera a escrita mais importante que a fala.

Marcuschi (2001), por exemplo, aponta que, nesse contexto dicotômico, a escrita é posta como superior à fala, como se a primeira estabelecesse a ordem, em contraposição ao caráter caótico apresentado pela segunda. Todavia, o autor ressalta que esse viés não contribui para o desenvolvimento de uma abordagem adequada sobre práticas sociais letradas. Isso se deve ao fato de não se considerar os diversos contextos comunicativos que situam o uso de linguagem pelos sujeitos.

Como nosso foco não é a discussão acerca das questões inerentes à fala e à escrita, vale dizer apenas que essas duas modalidades não devem ser polarizadas, pois como é posto pelo autor, há um contínuo tipológico que situa uma e outra. Dessa forma, não podemos dizer, por exemplo, que a escrita é formal enquanto a fala é informal, ou que esta é menos elaborada e aquela mais elaborada, dentre outros pares opostos. O que temos, de fato, são situações comunicativas em que essas modalidades serão caracterizadas de uma forma ou de outra para se adequar a determinados contextos. Podemos dizer, então, que um *bilhete* é um gênero escrito de natureza informal e uma *conferência* é um gênero oral de natureza formal, o que mostra que a dicotomia entre fala e escrita não procede.

Essa breve explanação serve como subsídio para entendermos que o trabalho com escrita não pode ser pautado apenas na produção de gêneros textuais cuja natureza de

linguagem consista no emprego formal da língua. Porém, é recorrente o trabalho com essa modalidade com o interesse de que os alunos empreguem a norma culta. Com isso, não se consideram outras possibilidades de desenvolvimento de textos escritos por parte dos discentes, isto é, o aluno é condicionado apenas a ter contato com determinados gêneros textuais que não fazem parte de sua vida cotidiana e que não lhes servirão, exceto para a participação em exames e vestibulares.

Por isso, propomos uma abordagem metodológica com vistas à produção escrita que leve em consideração os níveis de letramento dos alunos e não despreze as competências de uso de linguagem que eles possuam. Assim, é importante ressaltar que “[...] a linguagem escrita na escola necessita articular-se a tudo isso, precisa estar em movimento, a serviço da aprendizagem e da reflexão sobre o mundo e sobre o lugar dos estudantes no mundo.” (SOUZA; CORTI; MENDONÇA, 2012, p. 35s).

Com base nisso, podemos dizer que o letramento escolar é apenas um entre outros vários letramentos que compõem o universo de linguagem dos discentes. Contudo, a escolarização do letramento é sobreposta a outras práticas letradas, que são tidas como hierarquicamente inferiores. Street (2014) diz que a ‘pedagogização’ do letramento fez com que esse fenômeno ficasse “[...] associado às noções educacionais de Ensino e Aprendizagem e àquilo que professores e alunos fazem nas escolas, em detrimento dos vários outros usos e significados de letramentos [...]” (STREET, 2014 p. 122).

Rojo e Barbosa (2015) deixam claro o distanciamento que há em relação àquilo que se pretende ser ensinado na escola e o que de fato ocorre nos ambientes comunicativos dos quais os discentes participam. De modo geral, a escola elege um determinado gênero para contemplar uma dada tipologia e o trabalho com a escrita, sendo que uma diversidade de possibilidades é esquecida. Assim, as autoras dizem que, na escola,

[...] escrevemos narrações; na vida, lemos notícias, relatamos nosso dia, recontamos um filme, lemos romances. Na escola, redigimos uma ‘composição à vista de gravura’ (descrição); fora dela, contamos como decoramos nosso apartamento, instruímos uma pessoa sobre como chegar a um lugar desconhecido. Na escola, dissertamos sobre um tema dado; na vida, lemos artigos de opinião, apresentamos nossa pesquisa ou relatório, escrevemos uma carta de leitor discordando de um articulista. [...] (ROJO e BARBOSA, 2015, p. 26s).

Diante disso, entendemos que um grande problema no procedimento metodológico que visa ao ensino de produção escrita na escola consiste na padronização dessa atividade sem que haja margem para a criação de situações reais de uso dessa modalidade. Por isso, é importante entendermos que temos que dar voz aos discentes com o intuito de que eles

possam manifestar suas habilidades em relação ao uso da linguagem no tocante à escrita. Assim, reiteramos o cuidado que devemos ter com a ideia de escolarização do letramento já alertada, aqui, com as palavras de Street (2014), visto que a escola possui o domínio de um tipo de letramento que não deve ser posto em detrimento dos demais.

Baseados em Soares (2014), podemos dizer que a escola busca contemplar uma dimensão individual do letramento. Isso quer dizer que há uma preocupação em relação ao trabalho com leitura e escrita como se consistissem em uma única habilidade, sem levar em consideração os aspectos peculiares de cada uma delas. No que se refere à escrita, por exemplo, a autora afirma que as habilidades dessa modalidade devem ser direcionadas para uma variedade de produções escritas, das mais simples às mais complexas.

Dessa forma, entendemos que contemplar as práticas letradas em sala de aula diz respeito ao tratamento das diversas possibilidades de produção de gêneros textuais, de acordo com o nível de letramento dos alunos e a sua capacidade para tal tarefa. Em suma, é preciso contemplar a dimensão social desse fenômeno, que trata do que “[...] as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais [...]” (SOARES, 2014, p. 72).

Para ampliar ainda mais a ideia de letramentos, indo para além do letramento escolar, é preciso, também, levar em consideração as ideias acerca dos multiletramentos. Nas palavras de Rojo (2012), os multiletramentos consistem numa junção das ideias de multimodalidade e multiculturalidade, que são de grande valia para o trabalho com textos, tendo em vista o fato de a materialidade linguística do gênero textual associar-se com outras formas na construção dos sentidos.

Diante do contexto em que vivem os alunos, rodeados por tecnologia, é de suma importância que façamos uso das TIC para implementar novas possibilidades de abordagem em sala de aula sobre o uso da linguagem. Vale dizer que o trabalho na perspectiva dos multiletramentos é de grande valia para a preparação dos alunos “[...] para as situações de interação em que sejam necessárias posturas mais contemporâneas de leitura e escrita [...]” (ROJO, 2012, p. 96).

A autora aponta, ainda, a necessidade de trabalho com esse direcionamento, visto que as tecnologias suscitam novas práticas sociais de linguagem, o que faz com que a escola atue no sentido de transformar a sua abordagem sobre o(s) letramento(s) vigente(s) nos bancos escolares. Ressaltemos que há dificuldades no que diz respeito à validação dos diversos letramentos dos alunos, oriundos de suas práticas sociais de linguagem, diferentes daquelas promovidas pela escola. Nesse sentido, o desenvolvimento de atividades com base nas ideias

sobre os multiletramentos também consiste em uma dificuldade, sobretudo pelo fato de nos determos no material impresso para o trabalho com escrita.

Em síntese, defendemos a ideia de que o caminho metodológico para o desenvolvimento de práticas letradas que possam contribuir para a aquisição de habilidades de produção de textos por parte dos discentes deve ser direcionado para o respeito aos níveis de letramentos dos alunos, o que converge para um repensar das práticas pedagógicas dessa natureza. Da mesma forma, é necessário que o trabalho de produção escrita seja realizado da maneira mais diversificada possível, com o intuito de validar as práticas sociais de escrita dos alunos. Entendemos que não é produtivo impelir o aluno a escrever determinado gênero do qual ele não tem domínio algum, apenas por cumprimento de currículo.

Da mesma forma, é de grande valia o viés metodológico inerente ao uso das TIC. Apesar de nós, professores, termos dificuldades em lidar com determinadas tecnologias, podemos realizar diversas atividades nessa perspectiva com o auxílio dos alunos, que as dominam plenamente.

Com esse pensamento, buscaremos apresentar algumas possibilidades de trabalho na perspectiva dos letramentos e multiletramentos, com o intuito de suscitar a produção escrita por parte dos discentes.

3 CAMINHOS PARA PRÁTICAS LETRADAS: POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS

Em nosso cotidiano, há situações diversas em que lidamos com práticas de leitura e escrita. Isso ocorre em vários contextos comunicativos, fazendo-nos atuar de uma forma ou de outra, a depender do ambiente discursivo do qual participamos. No caso dos nossos alunos, isso também é recorrente, visto que eles também participam de vários momentos, cuja necessidade de uso da língua é contumaz.

Nesse sentido, Souza, Corti e Mendonça (2012) questionam o que se considera como práticas de leitura e de escrita para dizermos que os alunos não leem ou não escrevem. Para elas, é importante considerar que os jovens participam de várias práticas sociais em que o uso da linguagem é mediado pela leitura e pela escrita. As autoras apresentam, ainda, algumas atividades que nos possibilitam situar essa diversidade de práticas concernentes ao domínio dos alunos com textos em outros ambientes discursivos, além dos muros escolares.

Por isso, reiteramos que é de suma importância (re)conhecer os níveis de letramento dos alunos para conduzir com eficácia as atividades inerentes ao uso da linguagem em

situações comunicativas reais. Como já dissemos, a escola consiste num espaço de letramento, mas não é o único. Da mesma forma, esse letramento escolar vislumbrado em sala de aula não deve ser posto em detrimento a outras formas de letramento ou à prévia condição de sujeito letrado dos discentes. Vale dizer que, na nossa abordagem, estamos tratando de alunos do ensino médio que já devem possuir certa bagagem em relação ao contato e domínio de determinados gêneros textuais trabalhados na escola, bem como daqueles que fazem parte de sua vida cotidiana.

Diante disso, entendemos que é viável conceber práticas letradas com o intuito de explorar os variados gêneros que são de conhecimento dos alunos, respeitando as gradações inerentes ao domínio de textos no interior do conjunto contínuo da escrita. Soares (2014) afirma que escrever é um conjunto de habilidades que vai do simples ao complexo, ou seja, podemos escrever nosso próprio nome e até uma tese de doutorado, mediante as nossas habilidades e comportamentos para tais procedimentos. Baseados na autora, temos que considerar em que níveis nossos alunos estão dentro desse contínuo de escrita, isto é, quais são as habilidades de comportamentos que eles possuem para proceder com a escrita.

Nessa perspectiva, acreditamos que o trabalho com um texto base para suscitar a produção de outros gêneros, conforme o nível de letramento dos alunos é de grande valia para ampliarmos o horizonte de produção escrita em sala de aula. Dessa forma, podemos contemplar os letramentos dos discentes a partir do desenvolvimento de estratégias de retextualização do texto base.

Além dos aspectos relacionados às atividades de retextualização da fala para a escrita, como expõe Marcuschi (2001), consideramos importante a abordagem desses processos no contexto escolar da escrita para a escrita, bem como a partir da exploração de outros aspectos concernentes à produção de textos como é o caso da multimodalidade presente em determinados gêneros.

É importante ressaltar, com base em Dell'Isola (2007), que estratégias de tal natureza não são mecânicas ou limitadoras da atividades textual. Ao contrário, eles fazem parte do nosso cotidiano e são abrangentes, podendo ocorrer a partir de várias perspectivas: da fala para a fala, da fala para a escrita, da escrita para a fala, da escrita para a escrita.

A autora defende a ideia de trabalho com a retextualização no sentido de que atividades dessa natureza contribuem para o entendimento dos gêneros reconhecidos em práticas discursivas variadas. Certamente, a concepção de uma visão utilitária no tocante ao trabalho com textos em sala de aula é muito importante para que as práticas letradas sejam contempladas e para que as habilidades referentes ao uso da linguagem no que se refere à

produção escrita sejam desenvolvidas. Dessa forma, a escola consiste no espaço onde a concepção dessa visão pode ser concebida adequadamente. Portanto, concordamos com a autora quando ela diz:

[...] se em seu cotidiano, os alunos entram, constantemente, em contato com grande variedade de textos, é papel da escola promover situações que favoreçam aos alunos o reconhecimento dos gêneros textuais, de modo que aprendam a produzi-los e consequentemente saibam utilizá-los no seu dia-a-dia, em contextos específicos. [...]. (DELL'ISOLA, 2007, p. 40).

Associada aos processos de retextualização, temos a ideia de atividades de linguagem com vistas à criação de um circuito de gêneros e consequente desenvolvimento da competência discursiva dos alunos. Baltar *et al* (2006) tratam das possibilidades de criação de um conjunto de textos a partir do conhecimento sócio-histórico dos alunos. A ideia em questão é pautada no Intencionismo Sociodiscursivo (ISD). Em linhas gerais, amparados por Bronckart (2006), podemos dizer que, na perspectiva do ISD, as atividades de linguagem dizem respeito a atividades humanas que possuem uma dimensão psicológica (individual) e outra sociológica (coletiva), o que contribui para o uso e reconhecimento de práticas de linguagem sócio-historicamente construídas. Assim, podemos relacionar essa ideia ao que temos sobre letramento, no sentido de que esse fenômeno possui as facetas individual e coletiva.

Em suma, levando em consideração a interface entre letramento, retextualização e interacionismo sociodiscursivo como exposto acima, podemos concluir o seguinte: o desenvolvimento de práticas letradas ocorre mediante as considerações acerca dos níveis de letramento dos alunos, o que possibilita a criação de outros gêneros de modo interativo e com a ativação de conhecimento sobre os gêneros enquanto instrumentos de práticas sociais (ISD) que são, finalmente, materializados mediante o desenvolvimento dos processos de retextualização.

Dessa forma, então, entendemos que podemos explorar determinados gêneros textuais como textos base para a produção de outros textos que serão produtos de retextualização. Nesse sentido, Baltar *et al* (op. cit.) apresentam como exemplo o trabalho com o conto *O tratamento com vespas*, de Ítalo Calvino, cujo enredo permite o pensar sobre várias possibilidades de produção de gêneros textuais variados.

Tomando como parâmetro a criação de circuito de gêneros, podemos desenvolver várias atividades com vistas ao desenvolvimento dos processos de retextualização a partir de textos trabalhados em sala de aula. Nesse contexto, podemos, por exemplo, partir de um

poema, de um conto, de uma notícia, de uma tirinha, dentre outros, e suscitar discussões acerca de textos que possam ser produzidos com base nos gêneros explorados.

Dell'Isola (*op cit*) apresenta algumas propostas de retextualização de gêneros escritos, a saber: de uma reportagem a um editorial; de um artigo de opinião a um poema; de uma matéria de capa a um protesto; de um artigo a um regulamento; de uma carta a uma notícia; da notícia para uma tirinha.¹ Além dessas possibilidades, sabemos que há um imenso campo a ser explorado nessa perspectiva, levando em consideração as diversas realidades linguísticas com as quais nos deparamos no chão da sala de aula.

Outra perspectiva viável de trabalho para o desenvolvimento de práticas letradas, diz respeito ao que temos em relação aos multiletramentos. Rojo (2013) aponta para a necessidade da multiplicidade de práticas de letramento na contemporaneidade, visto que elas contemplam “[...] a *multiplicidade de linguagens*, semioses e mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais contemporâneos e [...] a *pluralidade e a diversidade cultural* trazidas pelos autores/leitores a essa criação de significação [...]”. (ROJO, 2013, p. 14).

No contexto escolar, temos ferramentas tecnológicas que podem contribuir para o desenvolvimento de atividades na perspectiva dos multiletramentos, com o uso das TIC, na promoção de textos como elementos multimodais e multissemióticos. O celular é um exemplo disso, no sentido de que pode proporcionar o trabalho diferenciado em prol de novos direcionamentos no trabalho com textos.

Nessa perspectiva, podemos desenvolver atividades de retextualização de textos cujo teor não esteja diretamente relacionado ao trabalho com a modalidade escrita, mas que possa associá-la com outras modalidades. Como possibilidade, podemos citar a retextualização do gênero conto para o gênero curta-metragem, pois temos nesse processo de transformação a relação entre tecnologia e produção escrita.

Retomando o celular como ferramenta tecnológica propícia para isso, podemos utilizá-lo para gravação de cenas, além de termos que nos valer de uma programação de edição para montagem do filme, entre outros aspectos relacionados ao uso das TIC. Junto a isso, necessitamos, por exemplo, da criação de um *roteiro* para o filme, além de termos outras possibilidades de produção textual como *sinopse*, uma *resenha* sobre o filme produzido e assim por diante, de acordo com os níveis de letramentos dos alunos e outros aspectos concernentes ao cotidiano escolar.

¹ Em *Retextualização de gêneros escritos*, a autora apresenta o desenvolvimento das atividades de retextualização aqui mencionadas.

Essas formas de abordagem sobre questões inerentes ao trabalho com textos em sala de aula podem contribuir para o desenvolvimento das habilidades dos alunos, visto que apontam para situações que se aproximam da realidade discente. Com as transformações sociais e tecnológicas, os discentes mantêm contato cada vez mais exitoso com a modernidade. Dessa forma, precisamos também nos valer dessas tecnologias como aliadas para o nosso trabalho com textos.

Enfim, acreditamos que o desenvolvimento de práticas letradas em sala de aula, levando em consideração todo esse arcabouço teórico que expomos até aqui, pode possibilitar direcionamentos mais acertados em relação à produção escrita dos alunos e a percepção do texto enquanto produto de interação social e ferramenta importante de comunicação nos diversos ambiente discursivos, para além dos muros da escola.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão aqui proposta teve como objetivo suscitar possibilidades de trabalharmos os textos em sala de aula de modo mais exitoso, sobretudo no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades de produção textual. Além disso, apontamos para a necessidade de uma construção mais adequada acerca do texto enquanto objeto de ensino de língua.

Com base nas ideias sobre letramentos, multiletramentos, retextualização e interacionismo sociodiscursivo, levantamos algumas questões acerca da relação entre esses fenômenos e o ensino de língua portuguesa, sobretudo no que diz respeito ao trabalho com textos em sala de aula. Nesse sentido, apontamos perspectivas de abordagem, de forma a ampliar o campo de trabalho com os gêneros textuais considerando o conhecimento prévio dos alunos e a sua capacidade de produção e manejo com textos diversos que fazem parte do seu cotidiano.

Assim, acreditamos que é de grande valia conduzir o desenvolvimento de atividades com produção textual que sejam norteadas por esses fenômenos, haja vista desencadear uma série de processos relevantes em relação ao uso da linguagem em contextos comunicativos específicos. Dessa forma, podemos contemplar os níveis de letramento dos alunos e os auxiliarmos em relação à produção de sentido dos textos com os quais eles se deparam no dia a dia.

Sabemos, contudo, que nosso trabalho não abarca todas as possibilidades de trabalho com o intuito de promover atividades em prol do desenvolvimento de práticas letradas

eficazes em sala de aula. Há, ainda, um vasto terreno a ser explorado e há muitas outras possibilidades de trabalho nessa perspectiva que não foram contempladas por nós.

Por isso, devemos dizer que a nossa proposta de abordagem consiste apenas numa provocação acerca da necessidade de pensarmos o trabalho com textos em sala de aula, de forma que isso possa contribuir, de fato, para o desenvolvimento da competência discursiva dos estudantes.

REFERÊNCIAS

BALTAR *et al.* **Circuito de gêneros: atividades significativas de linguagem para desenvolvimento da competência sociodiscursiva.** *In:* Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 375-387, set/dez. 2006. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/342/363 Acesso em 01 set. 2018.

BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano.** Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio (orgs.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

DELL'ISOLA, R. L. P. **Retextualização de gêneros escritos.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** São Paulo: Cortez, 2001.

ROJO, R. H. R. **Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos.** *In:* *Escola Conectada: os multiletramentos e as TICs.* ROJO, R. H. R. (org). São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, R. H. R. BARBOSA, J. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, R. H. R. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SOUZA, A. L. S.; CORTI, A. P.; MENDONÇA, M. **Letramentos no ensino médio.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

STREET, B. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação.** Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.